



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ADRIANA FRANCISCA DE OLIVEIRA

**O BEST-SELLER PODE SER UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA
APROXIMAÇÃO DA CRIANÇA COM A LEITURA?**

**SÃO CRISTÓVÃO-SE
2015**

ADRIANA FRANCISCA DE OLIVEIRA

**O BEST-SELLER PODE SER UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA
APROXIMAÇÃO DA CRIANÇA COM A LEITURA?**

Trabalho apresentado à disciplina
Monografia II do Curso de Pedagogia
da Universidade Federal de Sergipe
como requisito parcial para obtenção
da graduação.

Profa. Dra. Rita de Cácia S. Souza

**SÃO CRISTÓVÃO-SE
2015**

ADRIANA FRANCISCA DE OLIVEIRA

**O BEST-SELLER PODE SER UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA
APROXIMAÇÃO DA CRIANÇA COM A LEITURA?**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rita de Cácia Santos Souza
Orientadora

Profa. Dra. Iara Maria Campelo Lima
Examinadora

Profa. Dra. Maria José Dantas
Examinadora

São Cristóvão, 15 de Dezembro de 2015.

À Jessica Deise, amada amiga (*in memorian*).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Criador, pelas coisas findas e infindas, por todas elas terem me ensinado a ser o que sou hoje.

Aos meus pais, por todo amor incondicional a mim investido.

Ao meu amor, Aufram, por toda paciência, compressão e por sempre me fazer feliz.

Aos meus irmãos, por me ajudarem, incentivarem e entenderem a minha ausência.

Aos meus sobrinhos, minhas pequenas sementinhas, cujo amor nutrido por vocês é simplesmente inenarrável.

Aos amigos queridos que se fizeram presentes ao longo de toda a graduação, vocês são fontes de carinho constante.

À Riani, por ser amiga e irmã, por ser luz e amor. Você não existe, é impossível descrever tanta generosidade e amizade, sem você a caminhada teria sido muito íngreme.

À Profa. Rita de Cácia, minha orientadora, por acreditar em mim quando as incertezas surgiam, por sua paciência e confiança. E ainda, por ser essa pessoa incrível que permite que seus alunos sonhem e defendam aquilo que acredita.

À Profa. Simone Damm, por ser a primeira a pegar em minha mão e iniciar comigo essa caminhada, você é especial.

A todos os autores que escrevem histórias fantásticas e possibilitam a seus leitores viagens incontáveis. Por permitir que os bruxos, fadas, vampiros, príncipes e princesas abram as portas de seus mundos e recebam os olhos curiosos de pessoas assim como eu. Obrigada.

“Sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de livraria.”
Jorge Luiz Borges

RESUMO

O discurso atual dos educadores brasileiros é de que o estudante não gosta de ler, que ele não tem proximidade com esse hábito que se faz tão primaz para seu desenvolvimento intelectual. Diante desse panorama essa pesquisa tem por objetivo analisar os interesses e escolhas literárias dos estudantes do 5º ano de algumas escolas das redes públicas e particulares da cidade de Aracaju/SE. Para tal, foi necessária uma metodologia de abordagem qualitativa com características de estudo de caso utilizando como instrumentos metodológicos, a observação do acervo literário das escolas, análise documental, diálogos informais e anotações em diário de campo. A pesquisa comprova que ao revés do discurso dos educadores os alunos têm sim o hábito de leitura, no entanto os livros por eles procurados são os famosos best-sellers, livros esses que são foco de bastante preconceito no meio acadêmico por não apresentarem segundo alguns estudiosos, conteúdo suficiente para o desenvolvimento intelectual do leitor.

Palavras-chave: Best-Seller. Estudante. Leitura. Literatura.

ABSTRACT

The current discourse of Brazilian educators is that the student does not like to read, that he has no proximity to this habit that is as prime for their intellectual development. Against this background this research aims to examine the interests and literary choices of the 5th year students of some schools of public and private networks in the Aracaju city / Sergipe, Brazil. A qualitative methodological approach to case study features was necessary to using as methodological tools, the observation of literary schools archives, document analysis and informal notes in a field diary.

The research proves that despite the educator's speech the students have the reading habit. However the most popular books in Brazil are bestsellers. Bestsellers suffer prejudice in academia because they do not present, according to some teachers, enough content for the intellectual development of the player.

Key Words: Bestseller. Literature. Reading. Student.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A GOSTOSURA DA LEITURA.....	19
1.1 ERA UMA VEZ... UMA HISTÓRIA DA LITERATURA.....	19
1.2 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER.....	22
2 BESTE- SELLER, LER OU NÃO? EIS A QUESTÃO.....	25
2.1 OS CLÁSSICOS E OS NÃO CLÁSSICOS... ..	25
2.3 A ESCOLA, A CRIANÇA E O LIVRO: A LEITURA DE LIVRE ESCOLHA....	28
2.3 A LEITURA LIVRE E OS PCNS NA PRIMEIRA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	30
3 A VOZ DA CRIANÇA, O QUE ELAS QUEREM LER?	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Alguns livros presentes na brinquedoteca.....	36
FIGURA 2 – Exibição dos livros na biblioteca.....	38
FIGURA 3 – Diferenciais presentes na brinquedoteca.....	39
FIGURA 4 – Comparativo entre o antes e depois da chegada dos best-sellers.....	40
FIGURA 5 – Acervo tradicional disponível na instituição.....	41
FIGURA 6 – Estrutura da biblioteca.....	45
FIGURA 7 – Livros disponíveis na biblioteca.....	52

INTRODUÇÃO

Meu amor pela leitura não foi construído, não desabrochou durante a infância e depois se enraizou na adolescência e fase adulta, pelo contrário, foi de súbito, como dizem por aí “de supetão”, costume dizer que minha paixão por livros foi amor à primeira vista, daqueles que você bate os olhos e foi conquistada.

Ao longo do tempo me interessei por todas as espécies de livros, os mais divertidos, os clássicos e mais rebuscados, aqueles cuja escola nos forçava a ler para o vestibular, enfim, eu sempre estava disposta a me entregar a uma boa leitura. Porém, isso não acontecia com todos os meus colegas e não entendia o porquê, então uma parte de mim decidiu que algumas pessoas se apaixonam por livros e outras não, e ponto final.

Anos depois, já na faculdade, durante um estágio extracurricular, vi muitos adolescentes de uma determinada instituição lendo aqui e acolá, comentando sobre os novos lançamentos, falando quais eram as melhores editoras, os melhores autores, que a escrita era “assim ou assado”. Diante das afirmações constantes de que alunos não gostam de ler e da lembrança de meus colegas que não se interessavam por nenhum tipo de livro, comecei a me questionar: por que os adolescentes daquela escola demonstravam interesse pela leitura? É claro que no fundo eu já pensava na resposta! Aqueles livros não eram atrelados ao currículo escolar, não eram os livros pedidos pelos professores. Estavam na escola sim, ofertados pela biblioteca da instituição, mas não trabalhados em contexto de sala de aula.

Dessa forma, esses adolescentes optavam pelos livros escritos atualmente, uma literatura contemporânea e relacionada ao universo adolescente, discutindo questões próximas do seu cotidiano, mesmo que em um universo diferente, mas que apresentam semelhanças com a sua vida.

Então, meu questionamento de adolescente foi respondido, não é simplesmente o fato de que algumas pessoas se apaixonam por livros e outras não, mas sim o que faz despertar essa paixão.

Com o passar do tempo e com as experiências dos estágios curriculares fui ouvindo e analisando os desabafos dos professores das escolas em que havia visitado, bem como juntamente com os artigos lidos, eram sempre as mesmas queixas: os alunos não querem ler. E então um dos maiores discursos atuais no âmbito educacional foi se enraizando em minha mente, gerando dúvidas, questionamentos e agora frutos.

Mas será que esse discurso é mesmo verdade? Ou apenas o estudante não se interessa pela literatura que lhe é oferecida e vai buscar por si mesmo livros que o atraiam e que, muitas vezes, são julgados inadequados à ótica do meio educacional?

A vida acadêmica do estudante brasileiro, em muitos casos, foi e é marcada por uma trajetória de leituras de cunho obrigatório, efetivadas para obtenção de conhecimento para a realização de deveres e provas, logo, possivelmente transformam-se em uma atividade mecânica e maçante. Segundo Paulo Freire “(...) transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. (FREIRE, 1996, p.56). Partindo desse pensamento freireano é certo afirmar que a leitura precisa ser prazerosa e significativa, pois se privarmos o leitor da descoberta, da identificação com o mundo apresentado pelo livro, tiraremos a magia que o torna fantástico.

Para que uma leitura seja prazerosa, é necessário que o estudante seja sujeito de suas escolhas, que ele tenha liberdade para escolher quantos títulos quiser, que ele possa sentir, folhear, procurar, ponderar e buscar aqueles livros cujos temas lhes chamam a atenção, que lhe despertem a curiosidade, é necessário que o aluno possua autonomia para optar por aquilo que lhe agrada. No entanto, essa não é a realidade que encontramos em muitas escolas, sejam elas públicas ou particulares, em que os alunos leem apenas aquilo que é indicado pela professora, ou pelo programa previamente decidido e apresentado pela diretoria da instituição.

Essa política institucional engessada que apresenta um autoritarismo literário arraigado de nada serve para a disseminação do hábito da leitura, pelo contrário, apenas poderá afastar e podar o desenvolvimento do aluno. Esse, que decerto desenvolveria várias habilidades para o seu progresso cognitivo durante o ato da escolha, é privado disto quando suas leituras são antecipadamente escolhidas. Com caráter obrigatório uma leitura que poderia ser leve, gostosa e instigante, poderá ser chata, arcaica, maçante, desinteressante e muitas vezes falando para um eu que não existe mais, que já não comunga daqueles conflitos, que não o sensibiliza. Sendo assim, como se pode querer que o aluno estabeleça uma conexão com um texto que não o atrai?

Quando o estudante lê um livro de sua preferência ele exercita sua autonomia, se utiliza de critérios que em sua opinião são considerados importantes. Com essa prática ele passa a desenvolver habilidades importantes para o desenvolvimento humano e acadêmico.

O grande problema é que na maioria das vezes essa liberdade de escolha não faz parte do cotidiano da escola, pois os livros que as crianças tem lido na sala de aula já são

previamente escolhidos, apresentados em uma lista antes mesmo do ano letivo começar. Algo semelhante ocorre nas brinquedotecas - local onde as crianças do ensino fundamental I frequentam para ter acesso aos paradidáticos – e também nas bibliotecas, especialmente as públicas, os livros que formam o acervo do ambiente, geralmente são livros famosos no meio literário, renomados e considerados pelos educadores uma literatura “cânone”, legítima. Ou seja, também passam por uma rígida seleção em que na concepção dos educadores são os mais viáveis para obtenção do conhecimento, dessa forma os livros considerados populares não fazem parte do ambiente escolar.

No entanto, o que se percebe junto às crianças é o crescente gosto pela literatura de massa, principalmente os best-sellers, que acabam por envolvê-los em uma leitura de fácil entendimento e apresentando um enredo instigante e envolvente. Porém, essa leitura é considerada muitas vezes inapropriada, de baixo valor literário, sendo assim repudiada e banida de alguns ambientes escolares.

Olhando sobre a vertente pedagógica e pela crença de que o ensino-aprendizagem precisa ser gostoso e satisfatório, tendo a leitura como algo tão expressivo, significativo e sensível, não seria o caso de perguntar aos maiores interessados, os alunos, quais livros eles gostam, se identificam, tem vontade de ler? Não seria muito mais simples trabalhar com a leitura que fosse significativa e desejada? Será que param para pensar o que as crianças querem realmente ler? Talvez se levassem uma literatura que fosse do interesse delas não se teria um progresso maior tentando aproximá-las ao mundo da leitura?

Frente a esses questionamentos se fez necessário partir em busca de estudos que envolvesse o best-seller e a autonomia da criança diante da escolha de suas leituras.

A primeira etapa da pesquisa caracterizou-se pelo levantamento bibliográfico nas plataformas ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) e SCIELO (Scientific Electronic Library Online), a escolha dos sites pesquisados se deu pela sua relevância na comunidade acadêmica.

Para as pesquisas realizadas na plataforma da ANPED nos delimitamos a uma busca que trouxesse os trabalhos publicados no espaço de tempo de cinco anos, 2009 a 2013, em que foram selecionados especificamente dois eixos por se encaixarem na temática escolhida, são eles os GT10 (Alfabetização, leitura e escrita) e GT13 (Educação Fundamental).

Na Reunião da ANPED enumerada como 36ª que ocorreu no ano de 2013 foram encontrados no GT10 13 trabalhos publicados, sendo que apenas dois deles foram selecionados para leitura, são eles: **A literatura infanto-juvenil nas reuniões da ANPED e**

A concepção de leitura de professoras alfabetizadoras e a sua influência no ensino do ato de ler. Já no GT13 houveram 17 textos publicados, porém nenhum deles apresentou conteúdo que agregasse à temática estudada.

No ano de 2012 foram publicados no GT10 17 trabalhos e no GT13 19, entretanto nenhum deles abordou questões que fossem úteis à pesquisa em foco. Já o ano de 2011 apresenta no GT10 22 textos divulgados e dentre eles dois foram selecionados para leitura: **A Professora na Biblioteca Escolar - identidade e práticas de ensino na formação de leitores e Leitura literária na educação infantil uma contribuição para a formação de leitores de textos e da vida.** O GT13 apresentou 16 estudos e nenhum deles trouxe questões que contribuíssem significativamente para a pesquisa em questão.

Em 2010 no GT10 foram apresentadas 17 pesquisas em que apenas uma tratava de questões que poderiam ser úteis para o estudo, denominado: **Ler na escola: as vozes das crianças.** E no GT13 dos 17 trabalhos publicados nenhum mostrou trazer assuntos que pudessem ser selecionados para leituras. No ano de 2009 o GT10 trouxe 18 estudos publicados e dentre eles dois mostram-se interessantes para estudo: **A Literatura na Educação Infantil: o encontro da criança com o texto e Os critérios dos especialistas para os livros literários a serem lidos na escola.** No que diz respeito ao GT13 foram apresentados 18 textos e não encontramos entre eles nenhum que abordasse pontos relevantes para o tema estudado.

Na plataforma SCIELO foram utilizados como mecanismos de busca as palavras-chave: **Leitura, Roda de Leitura, Best-seller, Literatura Infantil,** entre outras. Dentre os trabalhos encontrados, artigos, dissertações e teses existem pesquisas que tratam da importância da leitura na educação infantil, a escuta de histórias para o desenvolvimento da criança, da leitura de livros best-sellers infanto-juvenis, porém nenhum deles trata diretamente da temática como a pesquisa desenvolvida. Portanto isto nos revela que o trabalho pode ser bastante relevante para o meio acadêmico, bem como, para professores e estudiosos da área de Educação.

Ainda sobre a pesquisa bibliográfica utilizamos para o embasamento teórico, autores renomados no contexto acadêmico que com suas produções contribuíram e contribuem para o acúmulo de conhecimentos relacionados à temática a qual direcionamos nossa pesquisa. São nomes como: Áries (1981), Abramovich (1983), Coelho (1997), Cunha (2006), Lajolo (2008), Zilberman (2007) entre outros. Estes escrevem sobre a concepção de criança ao longo do tempo, a importância da leitura para a educação infantil, a leitura como instrumento

pedagógico e fonte de lazer, a construção histórica da literatura infantil, entre tantas outras temáticas relevantes para o estudo da leitura com crianças e jovens.

Após a pesquisa realizada nas plataformas da ANPED e SCIELO constatamos que não foram encontrados estudos publicados que focassem a leitura de best-seller envolvendo crianças do Ensino Fundamental I, dessa maneira percebemos a relevância do estudo sobre a temática na área pedagógica.

Apresentada a importância da temática elencamos os objetivos desse ensaio monográfico, tendo como o geral analisar os interesses literários dos estudantes do 5º ano de 10 escolas da rede pública municipal e estadual, e da rede particular da cidade de Aracaju. Os específicos tratam-se de identificar através da escuta dos alunos o tipo de leitura que desperta a sua curiosidade, analisar as ofertas que as bibliotecas disponibilizam aos seus discentes e investigar se a escola/professor permite que o educando faça uso de sua autonomia na escolha de suas leituras.

Partindo do viés que um dos pilares que fundamenta a prática educativa é o respeito a autonomia do educando, e que, a educação dialógica é a chave para crescer e aprender com as diferenças como afirma Freire, “O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos conceder ou não uns aos outros.” (FREIRE, 2014, p. 58). Sob esse ponto de vista esse trabalho vem propor uma reflexão sobre a escuta da criança em relação aos seus gostos literários, dos valores que eles possuem e de como isso pode ser importante para o bom desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Essa sensibilidade e preocupação diante da fala das crianças se faz imperativa para a qualidade da interação em sala de aula e em qualquer pesquisa que envolva o universo infantil. Sendo assim, para o maior enriquecimento do trabalho foi necessário acompanhar a realidade do universo escolar através de visitas e anotações dos dados encontrados.

Para realização da pesquisa, foram utilizadas 10 escolas (5 da rede municipal e estadual e 5 da rede particular), tendo o cuidado de mesclar entre escolas tradicionais e escolas menores. Durante a pesquisa, optamos por ter o maior contato com os integrantes que compunham o quadro escolar, os alunos, bibliotecários, professores e coordenadores pedagógicos. Visto que todas as informações que pudessem oferecer seriam de grande relevância para o trabalho.

O primeiro contato com as escolas geralmente se dava por hora marcada com o (a) coordenador (a) pedagógico (a), após uma conversa explicando como seria a pesquisa e mediante autorização, partíamos rumo às bibliotecas para os diálogos com o bibliotecário e

análise do material disponível: estrutura da biblioteca, acervo e sistema de empréstimo. Durante a permanência na biblioteca aproveitávamos e entrevistávamos os alunos, às vezes individual e outras em grandes rodas de comunicação. Nas escolas em que não pudemos ter acesso a biblioteca (reformas, ausência da mesma ou motivos diversos) a pesquisa seguia com o andamento das entrevistas.

Para que a pesquisa desse bons resultados, seria necessário muito mais do que apenas os números obtidos através de estudo documental (empréstimos da biblioteca), era de fundamental importância o contato direto com os leitores que eram o alvo da pesquisa, com a bibliotecária, e ainda, com demais pessoas que tivessem contato com esses estudantes no ambiente escolar. Dessa forma, era importante a escolha de uma metodologia de pesquisa que desse um leque de instrumentos para oportunizar o trabalho. Para tal, foi escolhida a abordagem qualitativa com inspiração em características do estudo de caso, sendo ela a mais indicada para esse estudo de campo por fornecer subsídios necessários à análise da problemática.

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais. [...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo. (DENZIN; LINCOLN *apud* SILVA, p. 3)

A pesquisa utilizou-se de instrumentos que permitiram maior proximidade com o tema estudado, se fez uso de questionários, fotografias, documentos fornecidos pela escola para que pudesse comprovar os empréstimos realizados pela biblioteca, e ainda, o diário de campo, onde fica anotado o cotidiano da pesquisa, como foi cada visita realizada nas escolas, nossas observações, os pontos de vista, resultados sobre cada uma, além disso, também ficam registrados, as dúvidas durante o projeto, os anseios, inquietações, leituras a realizar. Enfim, tudo o que acontece no ambiente da pesquisa seja ela sobre o objeto ou sobre o pesquisador, fica registrado no diário de campo.

Este estudo foi estruturado em três seções, além desta introdução. Em que o primeiro capítulo aborda a leitura de forma geral, gênese da literatura infantil, trazendo aspectos brasileiros e também a importância da leitura para a formação da criança. A segunda seção abrange os conceitos de clássicos e não clássicos, discorre sobre a relação da escola, a criança e a leitura de livre escolha e ainda, o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

sobre a leitura de best-sellers. O terceiro capítulo vem apresentar o resultado da pesquisa de campo, trazendo as discursões e respostas apontadas pelas crianças, adolescentes, professores, como também pelos bibliotecários entrevistados.

1 A GOSTOSURA DA LEITURA

“Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!” (ABRAMOVICH, 1993, p. 14)

A leitura é um expresso que embarca em várias estações, possibilitando ao passageiro experiências inimagináveis. Neste universo fantástico tudo é possível, como atravessar uma parede de tijolos e chegar a um mundo paralelo, descobrir fadas e duendes morando no seu jardim, estudar com semideuses da mitologia, ver lobisomens e vampiros travarem uma guerra mortal, enfim, é perder-se no labirinto que as páginas permitem, sem ter hora para voltar e sem sair do aconchego de casa ou da escola. Neste trem não há restrições, qualquer um, de qualquer idade pode viajar nele, basta apenas pegar o seu bilhete e dar asas à imaginação.

As palavras que estruturam esse labirinto encantado podem se constituir de várias formas, mas a mais libertadora e independente é a linguagem literária. É dentro dos livros, dos contos e da poesia que o leitor pode se encontrar, se identificar e participar desse jogo de palavras. “A literatura constitui modalidade privilegiada da leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados”. (LAJOLO, 2008, p.105).

A literatura por assim dizer, pode perfeitamente ser definida como a *plataforma nove três quartos*¹ da nossa estação, um local que reúne todos os passageiros que vem do mundo real com destino ao ilusório. Já que por excelência a arte da escrita literária não é nada mais do que um infundo baú de possibilidades, que dentro dele se pode viajar em diferentes épocas, conhecer incontáveis países, viver diferentes culturas e realidades sociais, conhecendo sempre mais do mundo real e irreal que nos rodeia.

1.1 ERA UMA VEZ... UMA HISTÓRIA DA LITERATURA

O desabrochar das páginas literárias dedicadas às crianças é relativamente curto, datando do início do século XVIII, quando a burguesia entra em ascensão quebrando o

¹ Plataforma mágica localizada entre as de número nove e dez descritas nos livros infanto- juvenis de Harry Potter.

paradigma da criança como adulto em miniatura. Pouco a pouco uma educação voltada aos pequenos foi sendo instaurada. Antes do surgimento do sentimento de infância, as crianças viviam socialmente como os adultos. O historiador francês Philippe Àries (1981), apresenta uma considerável pesquisa sobre as concepções de criança ao longo da história. Ela consistia no estudo iconográfico da era medieval à modernidade analisando as representações de infância. Em suas análises foram constatadas a falta do sentimento de infância, que eram representados pela grande mortalidade infantil, pelas vestimentas, pelos brinquedos, as linguagens e dialetos, bem como, a literatura lida.

Contribuindo com o conhecimento adquirido através de Àries, Cunha (2006), afirma que nessa época havia dois tipos de crianças: aquelas que faziam parte da nobreza, e por isso, tinham acesso aos clássicos da literatura e as outras crianças que pertenciam as classes mais desfavorecidas, essas por sua vez, liam ou escutavam histórias sobre cavaleiros e aventuras.

Contadas ou escritas essas histórias tiveram um papel importante para o desenvolvimento da literatura infantil, pois elas constituíram base para a criação dos primeiros contos. Os clássicos literários sofreram adaptações, e do folclore foram retirados os contos de fadas e os causos².

Para Cunha (2006) e Coelho (1997), Perrault e posteriormente os irmãos Grimm, que eram exímios colecionadores de histórias folclóricas, estão intimamente ligados à gênese da literatura infantil. Uma vez que, estes, além de serem pioneiros, tiveram seus contos republicados e adaptados inúmeras vezes, e de tal forma, que elas seguem bastante modificadas.

As primeiras obras direcionadas para as crianças foram os contos de fadas que tiveram início com o advogado Charles Perrault (1628-1703) que foi um dos primeiros a elaborar contos infantis, e a publicá-los em coletânea. Com uma carreira renomada no magistrado, suas obras inicialmente não foram assinadas pelo autor. Os créditos por elas foram atribuídos ao seu filho caçula Pierre D' Armancour. Muitos especulam os motivos desse acontecimento, porém, nunca ouve uma confirmação de fato. Alguns acreditam que era para não perder seus status de autor sério e culto.

Sua coletânea foi publicada com o nome de “Contos da Mamã Gansa”, escrito numa linguagem simples e divertida. Dentre essa coletânea encontram-se contos como “O Gato de

² É uma história (representando fatos verídicos ou não), contada de forma engraçada, com objetivo lúdico. Muitas vezes apresentam-se com rimas, trabalhando assim a sonoridade das palavras.

Botas”, “O Pequeno Polegar”, “Cinderela”, “Pele de Asno”, “Chapeuzinho Vermelho” e “Barba Azul”.

De acordo com Coelho (2010), os Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm Grimm), que escreveram seus contos baseados na memória popular de seu povo, como narrativas de lendas, contos folclóricos e histórias de sua terra (Alemanha), todas conservadas por tradição oral. Seus contos agradavam tanto os adultos como as crianças, pois continham o fantástico, a fantasia e o mítico. Sua mais famosa obra foi “Contos de Fadas para Crianças e Adultos”, publicado entre 1812 e 1822, onde estavam escritos os contos: A Bela Adormecida, Os Músicos de Bremen, Os Sete Anões e a Branca de Neve, A Gata Borralheira, As Aventuras do Irmão Folgazão, O Corvo, Frederico e Catarina, O Ganso de Ouro, A Alfaiate Valente, O Lobo e as Sete Cabras, O Enigma, O Pequeno Polegar, Joãozinho e Maria entre muitos outros.

Cunha (2006) aponta que além dessa literatura universal, várias outras propostas vão surgindo com o tempo. Dentre estes novos autores podem ser citados: Andersen, Carlos Colodi, Amicis, Lewis Carroll, J. M. Barrie, Mark Twain, Charles Dickens, Ferenc Molnar, entre outros.

A literatura brasileira antes do surgimento de Monteiro Lobato e suas produções vivia alicerçada nos paradigmas da época. “No Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil em início com obras pedagógicas e sobretudo adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias.” (CUNHA, 2006, p.23).

Com a proposta inovadora de Monteiro Lobato em relação à literatura infantil, as crianças puderam se deliciar com uma escrita inteiramente dedicada a elas. Através da boca da boneca mais faladeira e sapeca do mundo as crianças começaram a ser representadas de maneira irreverente e com uma sagacidade invejável.

Lobato apresenta características que ainda não haviam sido exploradas no contexto literário infantil. Sua preocupação com os problemas sociais e suas ideias revolucionárias, questionando o etnocentrismo e trazendo uma nova maneira de enxergar o mundo e assim marcaram a escrita infantil brasileira.

Fanny Abramovich descreve com palavras gentis o homem e escritor que foi Monteiro Lobato, apresentando em seu texto o entusiasmo perante a suas obras, bem como revelando a existência de incompreensões da sociedade para com suas obras.

O homem Lobato impressionou a todos! E o escritor infantil faz parte do melhor pedaço da memória dos tempos de criança dos adultos de hoje... O

contista, o escritor pra gente grande, passou sem maiores marcas... O lutador, o pioneiro, mesmo se malcompreendido, mereceu a admiração irrestrita... Mas a grande saudade, a imensa ternura, o sorriso provocado, o olhar brilhando e cheio de faíscas, o entusiasmo na fala foi todo concentrado nas deslumbrâncias e gentilezas, nas aventuras e no deboche, no maravilhamento que ficou – permanente – do Sítio do Picapau Amarelo, o refúgio secreto procurado e almejado por toda criança, tenha ela a idade que tiver... (ABRAMOVICH, 1983, p.29).

Contudo, não foi só o nome de Lobato que fora mencionado durante essa época, se fizeram presentes escritores como: Menotti Del Picchia, Malba Tahan, José Lins do Rego, Viriato Correia, Érico Veríssimo, Vicente Guimarães, Ofélia e Narbal Fontes, Orígenes Lessa, Lúcia Machado de Almeida, Maria José Dupré. Durante essa época da história, pesquisadores apontam que tais autores conseguiram realizar um trabalho significativo, levando em consideração à escassez de editoras no período.

É em meados da década de 70 que o panorama literário começa a mudar, devido à crescente cobrança do governo para que as escolas trabalhassem com livro de autoria nacional, surgem escritores como: Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marina Colasanti e Eliardo França. Todos eles com traços marcantes lobatianos em que o lúdico, o inventivo, o real e o imaginário são preponderantes, além da busca pela linguagem e cultura brasileiras.

Posteriormente em 1980 e 1990 as escritas literárias infantis e juvenis ganharam força e se expandiram de forma bastante significativa pelo Brasil.

1.2 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

Embalados por uma voz conhecida, melodia gentil e familiar que as crianças têm o seu primeiro contato com as histórias, sejam pequenos trechos da Bíblia, histórias inventadas ou através da leitura de um livro. Os pais e parentes são geralmente aqueles que fazem a ponte primeira entre a criança e a leitura (ABRAMOVICH, 1993).

Para confirmar os dizeres de Abramovich, Manguel traz em seu livro uma narrativa em que traduz exatamente as palavras descritas acima.

Eu me aquietava [...] e, encostado nos travesseiros, ouvia minha babá ler histórias aterrorizantes contos de fadas dos irmãos Grimm. Às vezes a voz dela me fazia dormir; outras vezes, ao contrário, deixava-me numa excitação

febril, e eu insistia em que ela descobrisse, mais rápido do que o autor pretendia, o que acontecia nas histórias. Mas na maior parte do tempo eu simplesmente gozava a sensação voluptuosa de ser levado pelas palavras e sentia, num sentido muito físico, que estava de fato viajando por algum lugar maravilhosamente longínquo um lugar que eu dificilmente arriscava espiar na última e secreta página. (MANGUEL, 2010, p. 132).

Como descrito acima, a volúpia de ler/ouvir histórias provoca o imaginário, a curiosidade de saber o final, a pressa para encontrar soluções, de resolver conflitos, impasses e problemas. O ouvir histórias apresenta um leque de possibilidades às crianças, trazendo um mundo repleto de novos sentimentos e situações. É lendo e ouvindo histórias que a criança pode sentir diferentes emoções, ela pode sorrir, chorar, ficar triste, sentir medo, serenidade, tranquilidade; a literatura permite que a criança viva e crie seu próprio mundo, enxergando com os olhos do imaginário o universo mágico que se narra. Ler é entrar naquele expresso que foi falado lá em cima e embarcar em infindas descobertas; é ver História, Geografia, Ciências, Filosofia, Política, Sociologia em um texto gostoso e divertido; ouvir histórias é beber cultura da forma mais saborosa que há.

Como se pode perceber, a literatura se corporifica como uma importante aliada da sociedade no que diz respeito à contribuição da construção do desenvolvimento cognitivo-afetivo e crítico da criança. Uma vez que, em suas entrelinhas encontram-se ideologias, saberes, conhecimento, em outras palavras, enriquecimento cultural humano. Logo, a literatura está imbuída de poder para influenciar diretamente e indiretamente seu leitor na absorção de noções políticas e éticas. Seguindo por esta vertente Lajolo afirma que “Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los.” (LAJOLO, 2008, p. 27) Dessa forma, o ato de ler, não se traduz meramente na decodificação das palavras, mas sim um ato crítico-social, capaz de transformar a sociedade (FREIRE, 2010).

Como defende Zilberman; Lajolo (2007) sendo a literatura essa arma tão poderosa como visto acima, ela se tornou uma grande aliada da escola. Porém, apesar de ter o seu altar pronto para ser cultuado, os rituais acontecem de maneira negativa, visto que o trabalho literário acontece de maneira imposta, mecânica e fragmentada, em que o aluno lê pequenos trechos em que estão impressos no livro didático e quando leem o livro completo não são explorados corretamente, fazendo com que a criança/jovem associe a leitura a uma atividade pedagógica monótona e sem sentido. É importante ressaltar que como aliada da escola, as

obras literárias e infantis não necessariamente terão que ser utilizadas com uma intencionalidade pedagógica, mas também apresentadas como fonte de lazer.

Ratificando o que as duas autoras defendem acima, Maria Cunha salienta a importância da literatura como lazer incentivada pela escola,

“[...] sabemos que a leitura é uma forma altamente ativa de lazer. Em vez de propiciar sobretudo repouso e alienação (daí, a massificação), como ocorre com formas passivas de lazer, a leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do recebedor –leitor. Seria, pois muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer – aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo. A literatura teria um papel relevante nesse aspecto. (CUNHA, 2006, p. 47).

Cagliari (2004) afirma que todos precisam de motivação para ler, que a vontade de ler não é nata, mas sim semeada, seja ela pelo fato de conviver em um ambiente de leitores ou serem incentivadas na escola. A criança e o jovem precisam ser seduzidos pela leitura, enredados pelo puro sentimento da curiosidade e expectativa. Finalmente, se faz necessário que os docentes entendam que a leitura não pode ser mecanizada ou imposta, pois é primaz que o texto tenha significado para o leitor, que ele se identifique, pois como afirma Lajolo “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum.” (LAJOLO, 2008, p.15).

2 BEST-SELLERS: LER OU NÃO LER? EIS A QUESTÃO!

Ouve-se dizer que literatura é como se fosse uma brisa de verão que roça lentamente a face de alguém, ou o barulho das folhas caindo no outono, ou ainda, um abraço apertado em dias frios de inverno, a literatura é tudo aquilo que toca e transforma, que humaniza e modifica, que diverte, faz o riso e o choro fluírem de maneira singela. Logo, a literatura se caracteriza como algo particular, idiossincrático, que muitos enxergam de formas diferentes, podendo representar diversas emoções. Há quem diga que literatura é ponto de vista, que você se identifica ou não. Lajolo explica que, “*tudo isso é, não é e pode ser que seja literatura*” (LAJOLO, 1995, p. 15, grifo da autora), depende dos olhos de quem vê.

Aproveitando o ensejo da frase acima é que se lança a pergunta: sendo a literatura algo tão pessoal por que é que outrem decide o que cada indivíduo deve ou não ler? Ou ainda, se possui ou não valor? Por que alguns livros são considerados literatura e outros não? Como isso se explica?

2.1 OS CLÁSSICOS E OS NÃO CLÁSSICOS

“*Mas isso é um clássico!*” Quem nunca usou essa expressão quando desejava elogiar algo? Seja a filmes, músicas, futebol ou livros? A palavra *clássico* tem sido utilizada como adjetivo quando se quer atribuir um caráter positivo a algo.

Os termos: “Clássicos”, “Alta Literatura”, “Grande Literatura”, “Literatura Erudita”, “Literatura Cânone”, quando associados a um livro são utilizados para expressar que aquela literatura é de valor, é considerada pelos críticos do meio algo satisfatório, que deve ser lida, logo, deve fazer parte do âmbito escolar. Abreu (2006) traz uma explicação interessante para os termos citados acima:

Para que uma obra seja considerada Grande Literatura ela precisa ser declarada literária pelas chamadas “instâncias de legitimação”. Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas es-pecializadas, os livros didáticos, as histórias literárias etc. Uma obra fará parte do seletto grupo da Literatura quando for declarada literária por uma (ou, de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação. Assim, o que torna um texto literário não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos (ABREU, 2006, p. 40).

Então a partir da explanação de Abreu constata-se que para uma literatura ser clássica ela necessita preencher os requisitos das instâncias legitimadoras, requisitos esses que sabemos não serem invariáveis. Os critérios que definem o que é bom e o que é ruim mudam de acordo com seu tempo histórico, com os valores e com a cultura; as condições de avaliação da literatura não são intrínsecas a ela, o que é constatado com a história do escritor inglês William Shakespeare e tantos outros. Em sua época suas peças foram consideradas insípidas e ridículas, mas com o passar do tempo e mudanças de parâmetros passou a frequentar o *hall* dos clássicos literários (ABREU, 2006; EAGLETON, 2003). Assim uma literatura que era tida como popular, algo sem valor, passou a ser considerada uma literatura cânone.

O exemplo do escritor Shakespeare nos mostra o quanto os critérios para avaliação dos textos literários variam. Além do caso dele podemos também citar a trajetória do gênero romance, que hoje as escolas e universidades indicam fervorosamente, mas que antigamente nem era considerado um gênero pela crítica da época; era tido como um entretenimento para desocupados, texto sem valor ou densidade alguma. No entanto, os romances ganharam força entre a população, sendo capaz de ultrapassar os critérios das instâncias legitimadoras e consolidar-se como um gênero de fato.

Abreu (2006) traz considerações abaixo sobre como a história repete-se atualmente no trato da leitura.

Hoje se faz coisa parecida, mas invertendo o papel que cabia aos romances. Atualmente os jovens são estimulados a ler romances antigos — justamente aqueles que eram tão perseguidos — enquanto se condena a leitura de histórias em quadrinhos ou de romances de banca de jornal, utilizando-se argumentos muito parecidos com os que se usava para condenar a leitura dos romances. Não se devem ler gibis, pois eles afastam os moços e moças das leituras sérias; não se deve ler Sabrina, pois os enredos estimulam a imaginação sentimental e erótica; não se deve assistir muita televisão, pois é uma perda de tempo precioso; não se devem ler histórias de lutas marciais, pois os leitores imitam a violência em sua vida real. (ABREU, 2006, p. 106-107).

Tendo em vista o que já foi discutido até o momento em relação à literatura, se pode afirmar que ela não é imutável e universal, mas sim algo cultural e histórico. Também vimos que são as instâncias legitimadoras que decidem o espaço que os textos devem preencher, e assim pode receber o título de Literatura Clássica ou demais vocábulos destinados aos textos de menor valor, tais como: literatura popular, literatura de massa, *best-seller*. E que, muitas vezes os critérios utilizados para estabelecer esses valores não são apenas a forma linguística do texto, seu conteúdo, mas sim interesses políticos e sociais de um grupo da sociedade dominante.

Sendo assim, as opiniões e critérios ditados por essa classe é tida como verdade absoluta e disseminada por toda a população. Fazendo com que aqueles que se dedicam a leituras que não se encaixam nos parâmetros cânones pré-estabelecidos serem considerados incultos, ou ingênuos demais para optar por uma literatura “melhor”.

Fazemos parte de uma sociedade que cresceu acreditando que apenas os intelectuais são capazes de decidir o que é bom, de entender a beleza das artes, da música, da pintura, da poesia e dos textos. Dessa forma, a camada intelectual, a crítica, aproveita-se dessa passividade da sociedade menos letrada para decidir o que é válido, o que podemos ler, apreciar e transmitir aos nossos rebentos.

Sem dúvida a crítica, apresentou e apresenta grandes autores, obras fantásticas, com imensos valores estéticos que contribuíram e contribuem para o mundo literário. No entanto, “*ainda há muita água para rolar debaixo dessa ponte*”, pois o que vem imbuído junto a essa contribuição é o mais preocupante, o fato da crítica literária exigir que uma boa leitura seja aquela de cunho erudito, que converse com os requisitos cânones que os intelectuais apresentam. E assim, menosprezando as obras que fogem dessa linha apresentadas por eles, como é o caso da literatura de massa e/ou os famosos *best-sellers*.

A definição de *best-seller* está diretamente ligada ao mercado editorial, trata-se de livros ficcionais que estão ou estiveram no topo dos mais vendidos, independentemente do nome do autor, portanto poderemos encontrar Guimarães Rosa ou Veronica Roth nessa lista. Os *best-sellers* são conhecidos por geralmente tratar-se de livros com uma trama envolvente, de linguagem acessível, divertida e que atrai bastante o público popular.

A respeito dos *best-sellers* Abreu (2006) discorre:

Se tantas pessoas os compram e os lêem é porque julgam que são produções literárias de alto valor, ou porque se divertem e se emocionam ao lê-los. Entretanto, como você já deve saber, a opinião de professores e intelectuais sobre eles não é das melhores. Quando se trata dos melhores livros do século, os eruditos esforçam-se para lê-los e, sobretudo, para ter o que dizer sobre eles, pois isso é sinal de distinção e os coloca no topo da intelectualidade. Quando se trata de *best-sellers*, ocorre justamente o inverso: dizem, galhardamente, que não leram e que, mesmo assim, não gostam (ABREU, 2006, p.18).

Perdidos nos devaneios que o mundo ficcional proporciona, vagando sem lenço e sem documento é que o leitor atual se encontra. No meio de seu caminho não existe mais só uma pedra, mas sim, a terrível questão que assola suas cabeças: *best-sellers*, ler ou não ler?

Aqueles que se sentem atraídos, envolvidos por esse tipo de leitura ficam em um grande impasse, pois os livros que gostam são considerados descartáveis, ouvem o tempo todo que dali não se pode retirar nada de valioso. Que as pessoas que se dedicam a esse tipo de leitura são leigas, não possui capacidade intelectual suficiente para discernir o que é de valor e o que não é. Porém, muito provavelmente essas pessoas que julgam os leitores da literatura de massa como incapazes de identificar uma boa obra nunca pararam para conversar com eles, nem os ouviram discursar sobre os livros que já leram, ou mesmo os viram no exercício de julgamento sobre determinados livros. Do contrário, constatariam que não se trata de um público levado pelo calor da mídia, mas sim, de pessoas que buscam, avaliam e medem aquilo que levarão para suas casas.

2.2 A ESCOLA, A CRIANÇA E O LIVRO: A LEITURA DE LIVRE ESCOLHA

A Escola é uma das instâncias mais importantes na vida do ser humano, principalmente das crianças, é nela que se aprende o primeiro passo para conviver em sociedade. Assim, os caminhos apresentados por ela tornam-se o melhor a ser seguido, representam o que devem ser incorporado e assimilado por professores, alunos e pais. A escola é a instituição que representa tudo o que é certo, ou pelo menos era o que deveria ser. No entanto, algumas vezes, esse universo perfeito que a escola projeta faz parte apenas de um submundo que a criança só vive quando adentra os portões dessa instância.

Para sermos mais palpáveis diante da afirmação acima, pegaremos o exemplo das leituras que as crianças do ensino fundamental fazem, utilizemos as maiores, que frequentam o 5º ano. Em seu programa de estudos, ao menos nas escolas particulares, já existem leituras pré-estabelecidas no início do ano letivo, obras de autores referenciais da literatura infantil brasileira. Elas são escolhidas porque o sistema escolar crê que são as que trarão maiores conhecimentos para os estudantes, pois são obras de autorias renomadas e prestigiadas no meio acadêmico. Logo, acreditam que são esses tipos de leitura, e somente estes, que contribuirão decerto para a formação leitora da criança.

Todavia, o que a escola, e talvez, os professores não tenham percebido é que o universo da criança vem mudando, acompanhando essa atmosfera de transformações da sociedade, que trazem novas temáticas, tendências, outras discussões, influenciando diretamente no interesse desses alunos. Contudo, as instituições escolares insistem em continuarem com a visão tradicional de só ofertarem para a criança aquilo que elas decidiram

que é bom, que contribui para o seu conhecimento e enriquecimento da construção do gosto literário.

Inúmeras vezes, essas leituras pré-estabelecidas apresentam temáticas que não representam mais a criança que lê aquela obra. Causando assim, um conflito de interesses e ocasionando a falta de identificação com o livro. Dessa maneira, a verdadeira criança fica em casa, com suas leituras de cabeceiras, agradáveis e divertidas, e a outra, projetada para o universo sério escolar parte em direção aos caminhos das leituras que não fazem sentido para ela.

O problema é que os rituais de iniciação propostos aos neófitos não parecem agradar: o texto literário objeto de zelo e do culto, razão de ser do templo, é objeto de um nem sempre discreto, mas sempre incômodo, desinteresse e enfado dos fiéis – infidelíssimos, aliás,- que não pediram para ali estar. Talvez venha desse desencontro de expectativas que a linguagem pela qual se costuma falar do ensino de literatura destile o amargor e o desencanto de prestação de contas deveres, tarefas e obrigações [...]. (LAJOLO, 2008, p.12)

Sob a luz de uma interessante analogia, Lajolo revela a causa do provável desinteresse dos estudantes em relação ao ensino de literatura, ou a prática da leitura. Esse desencontro diante das expectativas relacionadas ao texto literário dificultam o compromisso e o interesse pela leitura dos mesmos, os motivos para tal acontecimentos são incontáveis. Mas o que talvez pese mais diante disso, seja a falta de identificação com o livro que lhe é ofertado, pois sabemos que para que haja relação deve haver interesse.

Temos maior facilidade de aprender o que nos é de interesse, o que nos incita prazer e curiosidade, portanto, o ensino de todo e qualquer prática do conhecimento precisa fazer florescer tais sentimentos, do contrário, será fadada ao fracasso. A arte de ler não é exceção a essa regra, ela também necessita da ação leve e natural, da espontaneidade, da busca, do desejo, da descoberta.

Então por que a escola não pega “*carona*” nessa condução que já existe, guiada pelo gosto de alguns estudantes pelos best-sellers e planta a sementinha do hábito da leitura? Para que posteriormente ela possa colher estudantes que tenham uma relação estreita com os versos finos das prosas e assim, investir também nas leituras que a escola e a sociedade acreditam ser importantes para a formação discente, e que de fato o são.

Os best-sellers não devem ser encarados como uma pedra no meio do caminho, mas sim, como um tronco que fora colocado para ligar um precipício ao outro. Eles devem ser enxergados como meios de acesso, facilitadores para um fim. Uma forma da escola se

aproximar do mundo das crianças, e poder finalmente junto a elas construir um universo em que possam ser elas mesmas, sem esconder seus desejos, gostos e sonhos.

2.3 A LEITURA LIVRE E OS PCNS NA PRIMEIRA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) representam uma importante fonte de apoio para o âmbito educacional, um documento que serve como inspiração no que diz respeito aos ideais do ensino-aprendizagem da educação básica brasileira. Os PCNs trazem novas perspectivas diante da educação, um olhar moderno, e quiçá, mais profundo, diante das formas de ensinar e aprender os conteúdos necessários à vida acadêmica do aluno. Para tal, são divididos em seis volumes os quais abordam individualmente as matérias de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências Naturais, Educação Física e Artes, além de apresentarem mais três volumes que abrangem os temas transversais, e neles, podemos encontrar discussões sobre Ética, Orientação Sexual, Saúde, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente e Saúde.

Os PCNs dividem-se em quatro ciclos, sendo que o primeiro e segundo corresponde a primeira parte do Ensino Fundamental, o terceiro e quarto ciclo a segunda parte. Dentro dos PCNs encontram-se a caracterização das disciplinas, como cada uma delas deve ser encarada no ambiente escolar, os objetivos gerais da matéria no Ensino Fundamental, os conteúdos que devem ser abordados, bem como os critérios de avaliação.

O volume destinado à disciplina de Língua Portuguesa, mais especificamente o conteúdo que abrange o segundo ciclo do Ensino Fundamental é que receberá o enfoque neste tópico, pois nele é que se faz referência o trato da leitura.

Como já foi afirmado acima, os PCNs foram criados com o intuito de auxiliar a escola em seus processos e procedimentos, inclusive na criação do Projeto Político Pedagógico, que cada escola deve possuir. Eles vieram para discutir questões que precisavam de atenção, assuntos que não são tão novos, porém que somente nas últimas décadas ganharam força diante da organização educacional.

É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual.

Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes. (PCNs, 1997, p. 42)

Esse parágrafo retirado do documento em questão nos apresenta o olhar atual que se lança sobre a leitura/literatura, denota a importância do trato da mesma. Discorrendo sobre o fato do exercício da leitura ser muito mais do que o que a escola vem trabalhando; vem mostrar que é preciso rever as metodologias usadas até então, dar mais enfoque a diversidade textual, e assim, subentende-se que dentre essa pluralidade textual é necessário dar espaço aos textos que são próximos do cotidiano do aluno.

Letras de músicas, receitas de comida, jornais, revistas, trava-línguas, HQs (Histórias em Quadrinhos) e livros. Todos esses são exemplos de diversidade textual que rodeia o universo infantil, e o PCN vem defender que o uso deles dentro do ambiente escolar é de suma importância para que se cultive a proximidade da criança com a leitura. Ele também apresenta a literatura não somente como uma área específica de conhecimento, mas como uma prática prazerosa, e inexplicável que foge da realidade.

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não - verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea). (PCN, 1997, p.29)

Referir-se a literatura como algo que transcende a realidade é uma forma de defender o seu faz-de-conta, de mostrar que não se pode racionalizar o imaginário. Logo, a literatura não pode ser desmembrada, ser objeto para um fim; a literatura se faz um emaranhado de imaginário e realidade que não podem se separar. A literatura é arte, arte que deve ser servida inteira para que o aluno possa saborear. No capítulo seguinte vamos apresentar os resultados, análises e discussões a respeito do gosto literário dos estudantes.

3 A VOZ DA CRIANÇA, O QUE ELAS QUEREM LER?

Para a construção deste capítulo foi realizada uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica, em que se buscou coletar dados que revelassem o gosto, hábitos, valores, opiniões e comportamentos de estudantes em relação a prática da leitura. De modo a obter um melhor esclarecimento sobre essa prática dos alunos no que diz respeito ao convívio escolar, fomos em busca também dos outros sujeitos que compõem o cerne da escola, professores, coordenadores e bibliotecários.

O trabalho teve como objeto 10 escolas situadas no município de Aracaju/SE, sendo essas divididas entre 5 da rede pública de ensino, subdividindo-se entre municipais e estaduais e outras 5 escolas particulares. Os alunos escolhidos para este estudo foram os integrantes das turmas do 5º ano do Ensino Fundamental, de ambos os sexos.

Durante o período destinado a coleta de informações, enfrentamos alguns percalços, escolas que não possuíam biblioteca ou a falta de acesso a paradidáticos ou ainda, apresentando o ambiente em reforma, impossibilitando assim a visualização das referências que compunham o quadro de livros da instituição de ensino. No entanto nenhuma visita foi inválida, pois a escola é um meio cultural vivo, em que mesmo na falta de dados materiais de ordem palpável, existem os imateriais que sempre estarão presentes neste recinto, que são as pessoas que a compõem.

Dessa forma quando não nos era possível ter acesso às bibliotecas/brinquedotecas nos concentrávamos no passo seguinte que era o contato com as crianças e o quadro de funcionários das escolas, partíamos para a parte mais valiosa da nossa pesquisa que era as conversas com os sujeitos pesquisados. Os diálogos se davam das formas mais variadas, poderiam acontecer formalmente na sala de aula, dentro das bibliotecas/brinquedotecas ou ainda durante o recreio, momento em que as crianças ficavam ainda mais à vontade para conversar.

Procuramos selecionar as escolas de modo que nos fosse dada informações variadas, nos estendemos a intuições grandes, de renome a escolas pequenas, situadas em bairros mais residenciais. Essa mistura nos possibilitou analisar e avaliar diversos quesitos subjetivos que foram de extrema valia para um melhor entendimento das respostas à problemática.

Geralmente a ordem da pesquisa se dava da seguinte maneira: primeiramente agendávamos um horário com a escola antecipadamente, no dia da visita primeiro visitamos a coordenadora pedagógica e apresentávamos o trabalho e às nossas intenções na instituição. O

momento seguinte acontecia de formas variadas, às vezes seguíamos diretamente para a sala de aula para uma conversa com os alunos e professores, outras vezes partíamos para a biblioteca, onde quando possível coletávamos dados físicos: documentos, fotografias e etc. E também, conversávamos com o bibliotecário (este algumas vezes não era formado na área de Biblioteconomia nem de Pedagogia) e também com os alunos que por ventura estivessem no local.

Também nos era possível ter uma conversa com as crianças em seu momento de lazer, o recreio. Assim muitos alunos com seus lanches em mãos formavam pequenos círculos de conversas agradáveis, regadas a risos e informações valiosas. Procuramos sempre deixar o entrevistado bastante à vontade, para que os dados que obtivéssemos fossem fornecidos com maior fidedignidade.

A apresentação dos resultados desta investigação se apresentará de forma a preservar o nome das instituições participantes. Cada uma irá receber a identificação por uma letra do alfabeto bem como a numeração pertinente e ao seu lado a indicação *part.* (particular) e *púb.* (pública) que irá indicar a rede pertencente.

A primeira escola a ser visitada foi uma cujo conhecimento entre as partes já se fazia presente, uma relação anterior já tinha sido estabelecida em virtude de um estágio curricular realizado na instituição. O quadro de funcionários da escola mostrou-se bastante receptivo ao abrir as portas da escola para pesquisa, dessa maneira não encontramos nenhum tipo de empecilhos que dificultasse o nosso trabalho.

A escola *A1 púb.* é uma escola de um bairro residencial que abrange apenas o Ensino Fundamental I e a noite funciona com a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). As turmas possuem geralmente 25 ou 30 alunos, apresentando uma heterogeneidade em relação à idade dos estudantes, isso varia de acordo com a organização destinada para cada classe. O principal público que frequenta a escola são alunos que pertencem a comunidades carentes ou que possuem uma renda mensal baixa.

Em termos arquitetônicos a instituição apresenta boas condições, as salas são grandes e ventiladas, possui horta cultivada pelas crianças e vários projetos na área esportiva. A biblioteca é bastante confortável, climatizada e bem cuidada; os livros são totalmente voltados para o público infantil e todos eles fazem parte do universo escolar - livros que geralmente são indicados pelas secretarias -, de autoria de escritores famosos para esse público. Em contrapartida não traz nenhum título dos clássicos infantis contos de fadas ou algum best-seller.

Em conversa informal com a coordenadora Pedagógica descobrimos que a realidade em relação à leitura é bem difícil, apesar de existir um projeto de leitura que a escola impõe que os professores realizem. Ela nos explicou que a realização desse projeto é uma tarefa árdua, pois a maioria dos professores faz por pura obrigação, sem demonstrar nenhuma empolgação ou interesse pela atividade, afirma ainda, que eles primam bastante pelo conteúdo e não gostam de “desviar” de sua rotina em prol de outras atividades mais lúdicas.

Depois da interação com o quadro gestor da escola partimos para o diálogo com os professores. Como a escola nos permitiu explorar bastante a pesquisa, buscamos conversar com cada responsável que lecionasse nas turmas pertencentes à investigação, para que pudessemos ter uma visão mais profunda em relação a cada turma.

As respostas dos professores foram semelhantes, afirmaram que as turmas que mais rendem são as do turno matutino e as de especificação A e B, às vezes C. Pois apresentam comportamento melhor, estão com a idade compatível para o ano e tem certo acompanhamento dos pais. As turmas restantes e principalmente as que pertencem ao turno vespertino são as mais trabalhosas, são as que apresentam alunos repetentes, com notas baixas, idade acima do desejável para o ano, entre outros problemas.

Os professores das turmas A, B e C afirmam que gostam de trabalhar com os paradidáticos que a escola fornece e com uma espécie de mini livros (livros fininhos contendo 6 ou 7 páginas) e que as crianças gostam muito de usá-los. Em conversa com essas crianças percebemos uma variedade de temáticas, dentre os livros que permeiam as prateleiras da biblioteca da escola à contos de fadas e alguns, muito poucos best-sellers.

Quando os professores se referiram as turmas restantes disseram que é meio complicado lecionar para eles, pois não há muito interesse pelo conteúdo ou com quaisquer atividades que eles proponham. Afirmaram que já é bastante difícil que tragam uma tarefa respondida imagina que façam a leitura de um livro proposto por eles. Assim partimos então para a conversa com essas crianças e chegamos à conclusão que a grande maioria realmente não gosta de ler, ou não é incentivado o bastante para que se interesse por tal prática.

Os resultados dessa escola mostraram-se divididos entre as turmas que apresentam maior número de leitores e as que possuem uma quantidade menor. Os livros preferidos delas eram os clássicos infantis, contos de fadas, mesmo não tendo acesso pelas vias da escola, também apresentaram uma boa quantidade de leituras feitas a partir dos livros disponíveis na biblioteca. No que diz respeito aos best-sellers poucas crianças leram, e geralmente as que o fizeram fazem parte das turmas mais interessadas na prática de leitura.

A escola *A2 part.* é uma instituição bastante renomada na cidade de Aracaju, situada em bairro comercial, comporta toda a educação básica, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. O público que a frequenta é geralmente constituído por pessoas pertencentes à classe média alta.

A estrutura física da escola é excelente, apresenta salas de aula ventiladas e bem iluminadas, quadra de esportes, espaço para recreação, brinquedoteca para as crianças do Ensino Fundamental I e biblioteca para o Ensino Fundamental II/ Ensino Médio. A instituição procura fazer uma nítida divisão entre o espaço reservado para os níveis do Ensino Fundamental, o que provavelmente facilita o convívio no ambiente pedagógico.

A escola possui organizações distintas no que diz respeito às coordenações do Ensino Fundamental I e II, nos atemos a profissional responsável pelo 5º ano que é o foco de nossa pesquisa. Ela foi bastante cordial e nos deixou muito à vontade para executarmos nosso trabalho, no entanto nossa conversa foi breve e ela delegou a tarefa de nos auxiliar diretamente, a pedagoga responsável pela brinquedoteca.

A brinquedoteca é um espaço bastante confortável, com boa iluminação, climatizado e aconchegante. As paredes possuem muito colorido e as prateleiras e mesas são recheadas de livros. Dentro do ambiente também se encontra um projeto criado pela pedagoga responsável pelo local, uma espécie de mini supermercado, onde as crianças brincam executando as tarefas reais dos funcionários do estabelecimento comercial. O lugar possui computadores velhos que servem para o registro das compras, prateleiras com embalagens secas de produtos, todas trazidas e mantidas pelas crianças e funcionários da escola.

Os livros que enfeitam a brinquedoteca são compostos por títulos bastante tradicionais, escritos por autores conhecidos no meio educacional e literário, lá encontramos nomes como Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, Clarice Lispector, Mário de Andrade entre outros. O ambiente também possui várias histórias em quadrinhos e livros para colorir.

A bibliotecária nos mostrou os documentos e o tipo de controle que eles realizam com os livros que as crianças levam para casa. Trata-se de pastinha individual onde são anotados os livros que cada criança leva, elas têm direito a levar três livros por vez, quando a ficha completa um total de cinco livros lidos a criança irá escolher o que mais gostou e falará sobre ele para os outros coleguinhas. Não houve forma de quantificar os empréstimos de livros, pois eles não arquivam esses documentos, dessa maneira não foi possível obter de forma documental quais são os títulos que mais agradam as crianças.

Figura 1- Alguns livros presentes na brinquedoteca



Fonte: Acervo pessoal

Permanecemos na brinquedoteca por muito tempo e percebemos o quão ela é movimentada, sempre há crianças entrando e saindo do local. Enquanto esperávamos o horário do intervalo dos estudantes do 5º ano conversamos bastante com a pedagoga responsável pelo lugar. Ela nos contou que as crianças que menos frequentam a brinquedoteca são justamente as crianças que são o foco de nossa pesquisa, *“talvez seja por conta da idade, vai mudando os interesses”*, afirma ela.

Chegada a hora do recreio algumas crianças foram aparecendo e a pedagoga ficava na porta da brinquedoteca convidando as crianças para nossa conversa. Um convite aqui outro acolá, fato é que em pouco tempo o lugar estava abarrotado de alunos e fizemos uma grande roda. O diálogo foi divertido, os estudantes mostraram-se acanhados no começo, mas depois ficaram à vontade com a chegada de mais colegas.

Durante as discussões percebemos que o gosto literário das crianças havia mudado um pouco, elas agora queriam outros livros, livros estes que só eram acessíveis para os alunos do Fundamental II, o que na opinião indignada dos estudantes era um absurdo. Prosseguimos com as conversas e os títulos foram aparecendo, basicamente só best-seller, e o maior campeão foi o livro infantil *“O Diário de um Banana”*. Quando questionamos como eles

havia conhecido essa literatura afirmaram que muitas vezes era o amigo que indicava ou ganhavam de uma tia ou dos pais.

Perguntamos os motivos desse livro fazer tanto sucesso entre eles e a resposta foi unânime: *“Ahh é engraçado, tia. O personagem vive coisas que a gente vive também e é bom ler”*. Assim percebemos comprovadamente o quão é importante a identificação com a leitura lida, o encontro do Eu tão defendido por Abramovich. Houve questionamentos sobre as leituras que a professora indicava e também sobre o motivo da falta de motivação para às visitas à brinquedoteca. Eles responderam que já haviam lido muitos dos livros de lá, mas que agora as histórias pareciam um pouco chatas. E os livros indicados pela professora eram justamente esses livros que eles não queriam mais ler.

Entendemos que a falta de vontade das crianças por frequentar o mundo literário escolar é justamente o fato de os livros que formam a brinquedoteca serem constituídos por histórias que não falam mais para as crianças daquela idade, ou até mesmo daquela geração, não as encanta mais. Daí a importância de dialogar com as crianças e descobrir o que elas têm vontade de ler, e acima de tudo, incentivar e promover esse gosto mesmo sendo por livros que destoam da cultura escolar.

Para enriquecer nosso trabalho fomos até a biblioteca da escola, lá só tem acesso os alunos do Fundamental II e Ensino Médio. O lugar é bem grande e fresco, com mesas grandes e computadores com acesso à internet. Conversamos bastante com a bibliotecária responsável e ela acrescentou muito em nossa pesquisa, inclusive dados documentais.

Figura 2 – Exibição dos livros na biblioteca



Fonte: Acervo pessoal

A bibliotecária disse que fazia cerca de um ano e meio que trabalhava naquela escola e no início as visitas e empréstimos realizados pelos alunos eram muito poucos. Com uma visão mais atualizada desse universo literário ela promoveu várias mudanças no ambiente, transformando-o em um espaço frequentado e democrático. Lá encontramos agora os mais atuais best-sellers, revistas HQs (Histórias em quadrinhos) das mais variadas temática, revistas abordando diversas temáticas, acesso à internet, filmes e um grande mural para sugestões de próximas aquisições literárias para a biblioteca.

Figura 3 – Diferencias presentes na biblioteca



Fonte: Acervo pessoal

A funcionária ressalta que seu local de trabalho agora é outro, que as mudanças trouxeram vida e alegria para o ambiente, pois as visitas e os empréstimos aumentaram grandiosamente. Ela nos contou que quando chegou lá as busca totalizavam 100 ou 150 empréstimos mensais, e depois do acréscimo dos best-sellers subiu para 300, 350 empréstimos por mês.

Figura 4 – Comparativo do antes e depois da chegada dos best-sellers

Relação de Empréstimos por Data De 01/08/2013 à 31/08/2013				Relação de Empréstimos De 01/08/2014 à 31/08/2014			
Discriminação do(s) Empréstimo(s)				Discriminação do(s) Empréstimo(s)			
08/2013	Dt.Retorno: 02/09/2013	Situação Multa: DISPENSADA	V	Dt.Saída: 29/08/2014	Dt.Retorno: 01/09/2014	Situação Multa: DISPE	
2 Cd.Obj: 4057	Tp.Obj: L	Objeto: LENDAS E MITOS DO FOLCL	Nº.Reg: 53309	Cd.Obj: 18239	Tp.Obj: L	Objeto: Chico Bento	Usua
08/2013	Dt.Retorno: 02/09/2013	Situação Multa: DISPENSADA	V	Dt.Saída: 29/08/2014	Dt.Retorno: 01/09/2014	Situação Multa: DISPE	
1 Cd.Obj: 16887	Tp.Obj: L	Objeto: BIO: INTRODUCAO AO ESTINº	Nº.Reg: 53308	Cd.Obj: 18207	Tp.Obj: L	Objeto: Chico Bento	Usua
08/2013	Dt.Retorno: 02/09/2013	Situação Multa: DISPENSADA	V	Dt.Saída: 29/08/2014	Dt.Retorno: 01/09/2014	Situação Multa: DISPE	
0 Cd.Obj: 17505	Tp.Obj: L	Objeto: BIO: INTRODUCAO AO ESTINº	Nº.Reg: 53307	Cd.Obj: 16038	Tp.Obj: L	Objeto: GUIA DO ESTUDA	
08/2013	Dt.Retorno: 02/09/2013	Situação Multa: DISPENSADA	V	Dt.Saída: 29/08/2014	Dt.Retorno: 01/09/2014	Situação Multa: DISPE	
8 Cd.Obj: 15843	Tp.Obj: L	Objeto: OS FUNDAMENTOS DA FISI	Nº.Reg: 53327	Cd.Obj: 15217	Tp.Obj: L	Objeto: HISTORIA DO BR	
09/2013	Dt.Retorno: 05/09/2013	Situação Multa: DISPENSADA	V	Dt.Saída: 29/08/2014	Dt.Retorno: 01/09/2014	Situação Multa: DISPE	
9 Cd.Obj: 17506	Tp.Obj: L	Objeto: OS FUNDAMENTOS DA FISI	Nº.Reg: 53314	Cd.Obj: 13385	Tp.Obj: L	Objeto: FÍSICA FUNDAME	
09/2013	Dt.Retorno: 05/09/2013	Situação Multa: DISPENSADA	V	Dt.Saída: 29/08/2014	Dt.Retorno: 01/09/2014	Situação Multa: DISPE	
Total de Empréstimos: 353				Total de Devolvidos: 346			
Total de Multas: 103,50							
87 Cd.Obj: 14506	Tp.Obj: L	Objeto: OS FUNDAMENTOS DA FISI					
08/2013	Dt.Retorno: 02/09/2013	Situação Multa: DISPENSADA	V				
84 Cd.Obj: 15187	Tp.Obj: L	Objeto: CIENCIAS NATURAIS NO DI					
08/2013	Dt.Retorno: 02/09/2013	Situação Multa: DISPENSADA	V				
85 Cd.Obj: 15731	Tp.Obj: L	Objeto: APRENDER E PRATICAR G					
08/2013	Dt.Retorno: 02/09/2013	Situação Multa: PAGA	Valor Mu				
86 Cd.Obj: 15763	Tp.Obj: L	Objeto: POR DENTRO DE VESTIBU					
08/2013	Dt.Retorno: 02/09/2013	Situação Multa: BAIXADA	Valor				
Empréstimos: 147				Total de Devolvidos: 146			
Total de Multas: 103,50							

Fonte: Fornecida pela bibliotecária

Os números fornecidos por essa funcionária demonstram o interesse dos estudantes pelos best-sellers e que o fato da escola trazer isso para o mundo institucional foi um grande passo para o incentivo à leitura. Ela ainda ressalta que há muito que ser feito no local, e que batalha bastante para conseguir conquistar esses feitos, pois ainda existe muito preconceito em relação a essas leituras de massa.

Nossa conclusão em relação a esse colégio é que por mais que ainda exista um tradicionalismo enraizado diante das leituras que devem pertencer ao âmbito escolar, as pessoas estão dando pequenos passos para a evolução da democracia estudantil, em que os alunos podem escolher e demonstrar seus anseios e inquietações.

A escola *B1 púb.* situada em um bairro prestigiado de Aracaju, possui várias outras escolas pela redondeza na maior parte sendo particulares, ela abrange do Ensino Fundamental menor ao Ensino Médio, as turmas geralmente possuem o quantitativo de 25 ou 30 alunos. O público alvo são crianças e adolescentes da classe baixa.

A instituição apresenta uma infraestrutura bem grande, trazendo espaços como quadra esportiva, refeitório e vários banheiros próximos às salas de aula. No entanto a biblioteca é bem pequena se tomamos como referência o tamanho da escola.

Assim que chegamos à escola fomos conversar com a coordenadora pedagógica que imediatamente nos encaminhou para a biblioteca nos autorizando a realizar a nossa pesquisa como nos conviesse. No entanto, não nos deu muita abertura para um diálogo mais aprofundado sobre os perfis das crianças que ali frequentam.

A responsável pela biblioteca não é da área, mas sim uma professora de história. O espaço é bem confortável apesar de ser pequena; possui livros apenas para o público do Ensino Fundamental maior e Ensino Médio, estes sendo apenas literaturas clássicas brasileiras. Ainda existe uma pequena quantidade de revistas em quadrinhos, que segundo a funcionária é bastante utilizada pelos adolescentes.

Figura 5 – Acervo tradicional disponível na instituição



Fonte: Acervo pessoal

No momento em que estávamos conversando e fotografando o ambiente percebemos que o lugar é bastante frequentado pelos alunos, eles afirmam que gostam de ler e que o local é sossegado e proporciona bons momentos para a realização da leitura.

Em conversa com a funcionária, ela nos afirmou que o lugar de fato é bastante procurado, que os alunos de lá gostam muito ler. Quando questionamos sobre a falta de variedade em relação à literatura ela nos explicou que em instituições públicas é muito difícil a chegada desse tipo de livro, mesmo que façamos o pedido várias vezes. Pois segundo ela, os

adolescentes perguntam muito sobre esses livros, mas infelizmente a escola não os possui e nem tem previsão se irão chegar.

As crianças do Fundamental menor não tem acesso à biblioteca, visto que esta não possui livros que sejam de acordo com sua faixa etária segundo a organização da escola. Dessa forma, não nos atemos muito ao local depois que obtivemos as informações cruciais para a pesquisa.

Em seguida fomos à busca das crianças que cursam o 5º ano para ter uma conversa informal, e nela, alcançar informações que dessem subsídios ao nosso intento. Durante os diálogos elas afirmaram que gostam muito de ler livros, citam principalmente os best-sellers que viraram filmes e também os clássicos contos de fadas, mas que é muito complicado conseguir, pois a escola não disponibiliza e eles não têm acesso em casa, geralmente pedem emprestado a um amigo. Eles contam: *“seria muito legal se a escola tivesse uma biblioteca para gente e que também tivesse esse tipo de livro”*.

Nas falas das crianças constatamos o grande interesse em que os best-sellers fossem ofertados na escola, e principalmente que a escola apresentasse uma biblioteca direcionada para sua etapa da educação básica.

Sendo assim, detectamos que esta escola ainda precisa percorrer um longo caminho no que diz respeito à oferta de livros para as crianças e adolescentes. Confirmamos que existe uma grande procura, mas em contrapartida a oferta é escassa e em alguns casos, como para o Fundamental menor, não existe.

A escola *B2 part.* é situada em um bairro residencial da capital, ela abrange toda a educação básica, as salas de aula geralmente comportam 20 ou 25 crianças. Os alunos matriculados na instituição geralmente são advindos de uma família de classe média baixa.

Para a realização do trabalho nessa escola foram realizadas várias tentativas para conseguir conversar com a coordenadora pedagógica, na terceira vez foi possível explicar para ela a natureza do projeto e ver se seria possível realizar o projeto lá.

A instituição apresenta uma estrutura mediana, que visa principalmente o conforto das salas de aula, possui uma pequena quadra esportiva, laboratórios de informática e uma biblioteca. Nela só são permitidos os empréstimos para os adolescentes do fundamental maior, os que pertencem ao Fundamental menor apenas podem interagir com os livros nos horários que as professoras os levam para lá e não podem levar para casa.

Em conversa com a coordenadora ela nos afirmou que os alunos procuram muito os best-sellers, inclusive as crianças, *“eles adoram aquele, como é mesmo o nome? Harry*

Potter!!! É a nossa coleção mais surrada, tivemos que adquirir uma outra esse ano.” Perguntamos sobre as preferências dos alunos e em resposta, “eles não querem saber dos livros do vestibular, só querem esse tipo de livro alternativo.”

Nosso ponto de vista sobre a escola *part. B* é que mesmo ela ofertando livros alternativos para os adolescentes ela está podando o comportamento das crianças, pois não as permite levar os livros para casa, o que é muito ruim para o desenvolvimento do eu leitor dos educandos. A instituição deveria aproveitar o interesse que os estudantes apresentam e dar-lhes ainda mais oportunidades para desenvolver cada vez mais esse gosto pela leitura.

A nossa visita a escola *C1 púb.* é uma escola que fica localizada na parte mais antiga da cidade, rodeada de estabelecimentos comerciais e com várias outras escolas em um raio muito próximo de distância. A instituição é bem sinalizada, contendo placas e faixa de pedestres na frente, talvez por se tratar de uma área bem frequentada da capital. Ela comporta apenas a primeira etapa do Ensino Fundamental.

A arquitetura da escola é bastante característica da fundação de Aracaju, apresentando uma estrutura antiga, como muitos dos prédios públicos do bairro. Ela é bastante arejada, bem iluminada e com bastante verde; as salas de aula são bem grandes e geralmente é composta por 25 ou 30 alunos. A instituição não possui biblioteca e nem livros paradidáticos, o que dificultou bastante a pesquisa, porém, como a situação das escolas públicas está sendo bastante semelhante partimos para o passo dois que é a escuta dos adultos e das crianças.

A diretora e a coordenadora pedagógica ouviram sobre nossa pesquisa, a primeira autorizou nossa entrada na escola, porém, quem conversou conosco e nos direcionou sobre o perfil da escola foi a segunda. Ela nos explicou sobre a dificuldade de uma escola que abrange o Ensino Fundamental menor não ter uma biblioteca, o quão é complicado para os docentes trabalhar as questões de leitura apenas com o livro didático. Pois segundo ela, é de suma importância que aquelas crianças sejam estimuladas a ler, pois as mesmas não se interessam por livros, “*acho que aqui não será de muita valia para seu trabalho, pois os alunos não gostam de ler*”.

Ela fez o mesmo discurso que as escolas públicas fazem em relação aos seus estudantes, não gostam de ler, não se interessam por livros, etc. No caso em questão torna-se complicado avaliar o comportamento das crianças em relação à leitura, visto que essa escola não possui biblioteca. Mesmo assim, ela nos deixou à vontade para conversarmos com as crianças e ouvi-las sobre o que pensam da leitura, dos livros e suas preferências.

As professoras responsáveis pelas turmas dos 5º anos foram bastante receptivas, nos permitindo conversar com os alunos o tempo que fosse necessário. O diálogo se deu no ambiente de sala de aula e teve todos os alunos como participantes; apresentamos a pesquisa para a professora e para as crianças e só depois começamos os questionamentos.

Os alunos se mostraram bastante familiarizados com a temática, citaram vários livros que fazem sucesso atualmente, Jogos Vorazes, Crepúsculo, Harry Potter; também citaram vários clássicos da literatura infantil estrangeira. Geralmente os livros que viram filmes tem uma maior procura por esse público, *“Ah tia, se o filme for bom o livro também vai ser”*.

Durante o diálogo com as crianças elas demonstraram estar bastante empolgadas com o assunto, todos queriam falar ao mesmo tempo, aparentando ter um turbilhão de questões para expor e discutir, pareciam ter a necessidade dessa conversa há muito tempo. Conversamos sobre todos os tipos de livros, inclusive daqueles que eles não gostaram ou não gostam.

Conversar com essas crianças só comprova mais uma vez a visão preconceituosa que algumas escolas nutrem sobre seus alunos, principalmente nas escolas públicas. Os alunos dessas instituições mostraram-se ávidos por livros e por conversar sobre eles, expuseram a falta que uma biblioteca faz e provaram para nós o quanto a coordenadora estava errada ao dizer que eles não se interessavam por leitura.

Esses alunos gostam de leitura, apresentam um comportamento de quem procura por livros em suas vidas fora da escola, em suas falas isso é nítido. O grande problema é que a escola não cultiva esse hábito, por não se interessarem em implantar uma biblioteca ou não conseguirem apoio do estado, como afirmou a coordenadora.

Os percalços que envolvem a educação brasileira, principalmente envolvendo a disposição das bibliotecas são muito grandes. E aparentemente para alguns gestores incorporar o discurso de que os alunos não leem virou uma desculpa para não ir à busca de melhorias para o ambiente educacional.

Os dados obtidos nessa escola mais uma vez comprovaram a preferência que as crianças têm pela leitura de best-sellers. Explicam que as leituras são mais interessantes e que se identificam bastante com as questões vividas por muitos personagens apresentados por esses tipos de livros.

A escola C2 *part.* fica situada em um bairro nobre de Aracaju, com a maior concentração de escolas particulares, muito embora seja uma área residencial. A instituição comporta desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. O primeiro contato com a instituição foi mediante agendamento com a bibliotecária, que posteriormente fez nossa apresentação ao

diretor. Após as devidas autorizações partimos para a biblioteca, local onde ficamos a manhã inteira.

A biblioteca assim como toda a instituição é bastante organizada, espaçosa e climatizada, possui computadores para uso dos estudantes e a responsável pelo espaço é formada na área. O lugar é bastante acolhedor, além de possuir as mais variadas obras literárias: clássicas, best-sellers, HQs e muitas outras, possuem também várias pinturas produzidas pelos alunos nas aulas de artes, o que permite ao ambiente um aspecto muito mais despojado e eclético ao que se espera tradicionalmente de uma biblioteca.

Figura 6 – Estrutura da biblioteca



Fonte: Acervo pessoal

A funcionária nos explicou sobre cada projeto literário que eles realizam na escola: Clube do Livro, Biblioteca Viva e Para Gostar de Ler, esses são os mais populares e corriqueiros. Os eventos são bem produzidos, muitas vezes a escola traz à presença de escritores, contadores de estória, inclusive a bibliotecária é uma poetisa sergipana colecionadora de títulos, o mais interessante é que esses projetos envolvem toda a comunidade escolar.

Após a apresentação dos eventos envolvendo a biblioteca ela nos contou sobre os estudantes, disse que lá vão crianças de todas as idades, já que é uma biblioteca só para toda a

escola e não há distinção de ano para usufruir dela. Disse-nos também que os alunos de lá são muito ecléticos, e constatamos isso ao nos depararmos com as listas de empréstimos dos livros, eles variavam entre Memórias Póstumas de Brás Cubas ao Drácula de Bram Stoker, Sitio do Pica-Pau Amarelo ao Diário de uma garota nada popular.

Infelizmente o controle de empréstimos é feito por um programa que não apresenta o ano do aluno que pegou determinado livro, apenas mostra nome e obra. Dessa forma não conseguimos quantificar e diferenciar os gostos.

A bibliotecária nos explicou que não acredita muito nas diferenças entre um livro e outro, que todos são muito importantes trazendo novas formas de cultura para dentro do ambiente escolar. Ela também nos disse que costuma ouvir as crianças sobre as obras que estão lendo e que se encanta com cada um dos diálogos, *“Cada criança percebe o mundo de uma forma, e cada uma delas se encontra de uma forma em determinado livro, não há um padrão”*, afirma ela, dessa forma ela discorre que uns preferem os best-sellers e outros os mais clássicos.

Em conversa com as crianças que visitaram a biblioteca no momento em que estávamos, elas nos explicaram que tem uns livros muito bons de ler, que fala muito sobre o universo de cada um e que geralmente esses eles são bem famosos na internet, daí procuram na escola e geralmente encontram, ou pedem a algum colega que tenha. Eles também afirmam que gostam dos projetos que a tia da biblioteca faz, que ela deixa tudo muito divertido e como se estivesse dentro da estória.

Ou seja, dentro das falas que tivemos acesso chegamos à conclusão que as crianças gostam de ambas as estórias, uma elas se identificam mais, pois falam diretamente para elas, que é o caso dos best-sellers, mas em contra partida também se empolgam com as narrativas escritas há muito que arrancam sorrisos e curiosidades. Confirmamos que essa é o tipo de biblioteca ideal, pois oferecem as duas espécies de literatura para os alunos e permite que eles façam suas escolhas.

A escola *D1 púb.* fica localizada em um bairro residencial, o lugar possui bastantes escolas públicas e particulares, ou seja, tem uma grande oferta no campo educacional. Abrange todo o Ensino Fundamental e possui uma área grande no que compete a sua arquitetura.

Lá encontramos uma situação, que nos deixou bastante tristes e chocados com o descaso em relação à educação pública, como a qualidade do ambiente escolar vem sendo prejudicado, e muitas vezes vítima de negligência da gestão. A biblioteca pertencente a esta

escola se encontra fechada por falta de um responsável por ela, o lugar é grande e possui vários livros que no momento estão cobertos de teias de aranha e poeira, resultado da falta de manutenção no quesito serviço geral.

Uma parcela de livros que se fazem importantes para o ensino-aprendizagem encontra-se expostos na diretoria, assim o aluno vem consulta o conteúdo desejado e depois se retira, não tendo permissão para levar para casa.

Quem nos recebeu e conversou conosco sobre os assuntos de nosso interesse foi a diretora, ela foi muito receptiva, apesar de demonstrar que se encontrava bastante atarefada. Ela nos explicou que a situação que a escola está passando é muito comum no âmbito das instituições públicas de ensino, *“não temos funcionários suficientes para que alguém assuma a biblioteca e a necessidade de um bibliotecário para as escolas ainda não foi reconhecida pelo Estado, isso nos impede de colocá-la em funcionamento”*. Ela reconhece o quão é prejudicial para o andamento da escola o fato da biblioteca estar fechada, mas afirma que todo o possível já foi feito.

Após conversa com a diretora fomos conversar com os mais interessados e mais prejudicados, os estudantes. Formamos uma pequena roda durante o recreio que foi se agigantando conforme as crianças e adolescentes (sim, eles quiseram participar do diálogo) foram chegando. Inicialmente discutimos coisas leves sobre o dia-a-dia na escola, e seu cotidiano em sala de aula, depois fomos chegando ao foco central da pesquisa, o gosto das crianças em relação à leitura.

Os diálogos giraram em torno dos livros mais famosos, Harry Potter, As Crônicas de Nárnia, Saga Crepúsculo, Percy Jackson, Divergente, O Diário de um Banana, O Diário de uma Garota Nada Popular, a série Fala Sério, entre outros. Eles afirmaram que esses livros são muito legais, que são fáceis de entender e que se divertem muito com as histórias, principalmente aquelas que envolvem poderes, seres mágicos e muita fantasia.

Quando lançamos questões que giravam em torno dos livros que permeiam o universo educacional como os livros de Monteiro Lobato, alguns torceram o nariz e disseram que eram livros para criancinhas, que já tinham lido, mas que agora não era mais legal como antes. Falamos também sobre a ideia desses livros serem trabalhados em sala de aula pelo professor, os alunos pareceram vibrar diante da possibilidade, *“Ahh tia, ia ser o máximo!!! Já pensou... dever sobre Harry Potter?!!”*

Por fim, conversamos sobre a “biblioteca fantasma”, (apelido criado pelas crianças em relação à biblioteca sem funcionamento) o que os alunos pensavam a respeito desse episódio

da escola. Nas falas eles afirmaram que achava muito chato não ter um lugar para pesquisar seus trabalhos ou ir pegar um livro para levar para casa, mesmo a biblioteca não tendo os livros que eles falavam gostar sentiam falta e sair em busca de outros que lhes fossem do seu agrado.

As experiências vivenciadas com 5^a ano da escola pública D nos mostraram que a falta de livros em uma instituição não significa que os alunos não gostam de ler ou que simplesmente se acomodaram com esse fato e não buscam outros meios, outras fontes. Também percebemos o quanto as crianças de lá são mais à frente do seu tempo no que diz respeito aos seus gostos literários, preferem assuntos que tratem de temas mais adolescentes, de um mundo posterior a idade em que se encontram.

O colégio *D2 part.* fica em uma área nobre de Aracaju, ele abrange turmas do Maternal ao Ensino Médio e geralmente se compõe por 20 ou 25 alunos, quiçá 30. A escola possui uma arquitetura nos moldes antigos e apresenta aspecto um pouco austero para um lugar que se estudam crianças. Entretanto, a escola é bastante confortável, possui áreas verdes, quadra de esportes, lanchonetes, banheiros e bebedouros próximos às salas de aula.

O quadro de funcionários é bastante organizado e nos tratou muito bem, enquanto aguardávamos o horário do intervalo das crianças do 5º ano (a escola divide os horários dos recreios por ano) tivemos uma longa conversa com a coordenadora pedagógica da escola.

Primeiro fomos informados que a biblioteca estava em reforma e não pudemos visitá-la, infelizmente. Porém, quando perguntamos sobre os livros que nela existia a coordenadora foi bem taxativa ao dizer que os best-sellers não faziam parte da proposta da biblioteca do colégio, que eles só trabalhavam com os autores tradicionais e reconhecidamente famosos dentro da literatura brasileira. Ela também nos apresentou a lista de livros que os alunos do 5º ano têm que ler durante o ano; essas leituras já são previamente decididas antes mesmo do início do ano letivo.

Leituras obrigatórias 5º ano

- Rita está crescendo – Telma Andrade
- Dom, Talento e Vocação. Quem Não Tem? - Fernando Carraro
- Miguel e o Sexto Ano – Lino de Albergaria
- Sempre Amigos - Fernando Carraro

Dado o horário do recreio fomos para o pátio, lá encontramos umas três garotas lanchando e conversado, nos apresentamos e falamos sobre o projeto, imediatamente elas

convidaram outras crianças para se juntar a nós. A sombra de uma árvore, começamos a questionar as crianças sobre seus hábitos de leituras.

Impressionantemente todos eles tinham algum livro em mente para falar sobre, nem era necessário esperar que eles pensassem muito, nas falas encontramos uma mistura de contos de fadas e best-sellers, para as garotas sempre existem alguma estória de princesa, já os meninos livros que davam origem a videogames.

Perguntamos sobre os livros que a escola e professores trabalhavam, em meio ao grupo, apenas uma criança os achava legal ou interessante, segundo as crianças, a menina era uma “come livros” (ler qualquer livro, mesmo que seja chato). Afirmaram que a professora faz uma espécie de competição entre eles, quem ler o maior número de livros durante o ano, irá ganhar outro de sua escolha. Eles acham essa brincadeira bem legal por parte da professora, pois incentiva o aluno a ler, e não precisa ser necessariamente os livros que a escola pede.

Na conversa com essas crianças notamos que o acompanhamento/incentivo dos familiares em relação à leitura é muito presente, e não apenas isso, mas também o cuidado e o interesse. Nas falas notamos muito: “meu pai me deu esse livro”, “minha mãe falou daquele”, “minha madrinha me deu de presente”, então notamos o envolvimento dos parentes que é algo muito importante; trazer a literatura para casa e mostrar às crianças que é algo normal do cotidiano, uma prática de vida é bastante louvável. Incute nelas o gosto, o hábito e quebra o tabu de que leitura só deve ser feita na escola e incentivada por professores.

Constatamos que a gestão da escola é deveras tradicional no trato da leitura, promovendo apenas a literatura clássica ao que podemos confirmar com os livros disponíveis na biblioteca, e também, com a lista de livros previamente selecionados para os alunos. Percebemos que a professora do 5º ano apresenta um comportamento diferenciado quando lança um projeto de leitura aberta aos seus alunos.

A escola *E1 púb.* situada numa área considerada carente de Aracaju abrange apenas o Ensino Fundamental, as turmas geralmente possuem 25 ou 30 alunos, dependendo da organização de cada sala. A comunidade que frequenta a escola é considerada carente, e na maioria das vezes os professores e coordenadores têm problemas em controlar o comportamento dos alunos.

A estrutura da escola é pequena, sendo composta apenas por um grande pátio que é envolto de salas de aulas, um banheiro para cada sexo e uma sala de informática em que os

computadores não funcionam e não possui biblioteca. A realidade da escola é muito difícil, pois um ambiente que era para ser acolhedor torna-se muitas vezes incômodo.

A coordenadora pedagógica foi muito receptiva e nos tratou bem, nos deixando à vontade para realizar nossa pesquisa. Ela nos explicou que o dia-a-dia ali é complicado, pois a comunidade apresenta vários problemas de interação, principalmente com o quadro docente, o ensino-aprendizagem é efetuado com bastante esforço de ambos os lados, tanto das crianças que tentam acompanhar o ritmo da escola, como dos professores que tem que ter bastante “jogo de cintura” para lidar com as situações adversas que aparecem em sala.

Ela disse que os trabalhos são difíceis de ser realizados, pois não existe parceria entre a escola e os pais de alunos, dessa forma o trabalho fica inconclusivo. Perguntamos sobre a biblioteca, a resposta foi de que a escola era muito pequena para comportar uma biblioteca, e também, não existem funcionários disponíveis para ficar responsáveis pelo seu funcionamento.

Depois de findar nossa conversa com a coordenadora fomos levados às salas de aula do 5º ano, as crianças foram muito receptivas e mostraram-se bem empolgadas com nossa visita. Como o procedimento de praxe, nos apresentamos e explicamos do que se tratava o projeto, elas ficaram felizes em contribuir com nossa pesquisa.

Conversamos por muito tempo e nossas impressões foram as de que infelizmente os alunos desta escola não estão muito familiarizados com os livros, a instituição não possui biblioteca e eles não têm acesso em casa, ou seja, conhecem muito pouco deles. Os livros que eles conhecem são os clássicos contos de fadas que são muito famosos em todas as esferas.

Nossas impressões de lá é de que a escola ainda precisa desenvolver-se bastante em muitos quesitos, e principalmente, no que diz respeito à leitura. Os alunos precisam ter contato e conhecer o universo dos livros, o mundo encantador e cheio de aprendizados que ele proporciona. Não conseguimos chegar a um parâmetro para nossa pesquisa nesta escola, tendo em vista as condições da mesma e dos alunos que a frequenta.

A última escola *E2 part.*, mas não menos importante fica localizada em um bairro residencial da capital, lá estudam crianças da Educação Infantil a adolescentes do Ensino Médio. O quadro de funcionários foi bastante receptivo conosco e nos deixou à vontade para desenvolvermos nosso projeto.

Inicialmente, conversamos com a coordenadora pedagógica a qual apresentamos nosso projeto, ela prontamente nos encaminhou para a brinquedoteca e posteriormente para a biblioteca.

A brinquedoteca era bem que pequena, mas bem organizada, climatizada e colorida. Os livros que nela estavam faziam parte do hall de obras clássicas, incluindo os contos de fadas. A responsável pelo ambiente era uma pedagoga, ela nos informou que as crianças procuram bastante o lugar e que são muito adeptas dos contos de fadas, também informou que os alunos do fundamental menor não podem levar os livros para casa, o que na opinião dela não é interessante.

Questionamos sobre a ausência dos best-sellers e a pedagoga nos informou que esses livros ainda estão chegando ao universo da escola. E pouco a pouco, atualmente apenas os alunos do Fundamental Maior tem acesso a esse tipo de livro. E lá também existe a divisão em que os alunos do Fundamental I não podem frequentar a biblioteca do II.

Ficamos parte da manhã na brinquedoteca abordando as crianças que ali iam para passar o tempo. Conversamos sobre o que eles mais gostavam de ler e a resposta de quase todos foi a mesma: O Diário de um Banana. Perguntamos como eles conseguiam esses livros se ali na brinquedoteca não fornecia, eles informaram que pegavam emprestados com o colega ou pediam para os pais comprarem.

Quando responderam o que achavam sobre o fato da brinquedoteca não ofertar os livros que gostam e nem permitirem que eles frequentem a outra eles respondiam indignados que isso era muito chato, um absurdo, pois eram aqueles livros que eles gostariam de ler.

Sáímos da brinquedoteca com a sensação de que as crianças ali estão ansiosas por algo mais, que o mundo que elas vivem naquele ambiente é muito pequeno para o que elas sonham. Dessa forma seguimos para a biblioteca da escola, onde a bibliotecária nos recebeu bem. Lá também é pequeno, mas organizado, como a brinquedoteca; possui ar-condicionado, vários pufs coloridos para os alunos ficarem à vontade e vários livros. As obras dispostas nas estantes mostram de fato certa variedade literária, porém, ainda é muito pequena em relação aos clássicos.

Figura 7 – Livros disponíveis na biblioteca



Fonte: Acervo pessoal

Durante o diálogo com a bibliotecária ela nos informou que o lugar era muito pouco frequentado pelos estudantes antes da entrada desses novos livros, os best-sellers. Ela nos explicou que a procura por eles é bastante intensa e que gera uma fila grande de espera. Ela também falou que essa procura à biblioteca só ocorreu depois que a escola resolveu adquirir esses livros.

Nossa concepção a respeito dessa escola é de que ela está caminhando rumo a diversidade e já possui o entendimento de que é preciso trazer coisas novas para o universo escolar, que em meio a esse mundo tão eletrônico é necessário que se conquiste o aluno a cada dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embalados pelo discurso nacional de que os alunos brasileiros não gostam de ler é que a escola vive seus dias. De um lado educadores frustrados, do outro, estudantes incompreendidos. Diante desse quadro educacional é que esse trabalho se propôs a descobrir se de fato esses discentes não leem ou existe algo mais incutido nesse problema.

Para isso levamos em conta o atual cenário literário que vem sendo movimentado por livros de escrita fácil, leitura leve e enredos cativantes. Essas obras denominadas literatura de massa (best-seller) abarcou a população de uma forma gigantesca, inclusive o público infanto-juvenil.

Livros como Harry Potter, Saga crepúsculo, Percy Jackson, Divergente, Crônicas de Nárnia, Diário de um Banana e tantos outros conquistaram o universo das crianças e jovens, deixando-os fascinados e cada vez mais interessados por esse tipo de leitura. No entanto, elas não são consideradas válidas no meio acadêmico, afirmam ser uma leitura que não acrescenta nada aos que a leem. Logo, essas obras são desconsideradas e descartadas do âmbito educacional, as leituras que tanto tem despertado paixão e curiosidade dos estudantes.

Tendo esse panorama como contexto, fomos buscar em dez escolas da cidade de Aracaju respostas para nossos questionamentos. Será que as crianças não gostam de ler? Se gostam, o que leem? A escola promove esse gosto pela leitura? A partir dessas indagações é que constituímos os objetivos deste trabalho.

Após analisar cada uma das escolas públicas e privadas previstas para a pesquisa constatamos a existência de um preconceito exacerbado diante da prática de leitura dos alunos. Notamos que na maioria delas, em especial nas públicas, os professores e coordenadores pedagógicos têm uma visão taxativa de que os estudantes não gostam de ler; que desenvolver qualquer tipo de projeto no âmbito da leitura é tarefa árdua e penosa, por falta de interesse da classe estudantil.

Todavia, em contrapartida, ao conversarmos com esses discentes notamos uma realidade antagônica à ilustrada pelos educadores. Os alunos que eram adjetivados como desinteressados mostraram-se muito entendedores do quesito livro, expressaram suas opiniões, anseios e inquietações a respeito de várias obras literárias.

Os diálogos foram cheios de vida, riso e empolgação, os estudantes discorriam animadamente sobre suas leituras favoritas, personagens que mais cativavam, os enredos mais emocionantes. Era nítido no tom de voz o querer daquele diálogo, a necessidade de que suas

práticas de leituras fossem reconhecidas naquele ambiente, ou em qualquer outro, mas que seus livros tivessem valor.

Concluimos após o estudo das falas, que os estudantes gostam sim de leituras, que na maioria das vezes o que falta é o olhar cuidadoso do educador para entender que leitura é muito mais do que ler aquele livro indicado pela escola, que livro bom não é só o que ele conhece e participa do meio educacional. Mas sim, aquele que faz o coração da criança acelerar, que provoca emoções, que faz o riso vir frouxo ou as lágrimas caírem sem aviso. Entendemos que antes de tudo, é preciso se apaixonar por leitura, leitura boa que deixa um gostinho de quero mais.

Não estamos desmerecendo a literatura clássica, pelo contrário, esta é de suma importância para o crescimento do aluno, e é bastante louvável que a escola queira disseminá-la na vida do educando. No entanto, achamos que ela como organismo vivo, tem muito mais poder do que simplesmente impor certas leituras, acreditamos que ela pode encantar, apaixonar e fazer o educando descobrir em conjunto a relevância da leitura como um todo, e não uma em detrimento da outra.

Defendemos que a escola deve acompanhar a evolução que cerca o estudante, e não se fechar através de seus muros de concreto. Ela precisa fazer parte da vida do aluno, caminhar em conjunto e ajudá-lo em suas necessidades e descobertas. Incentivar sua autonomia e possibilitar que ele seja agente do seu processo de ensino-aprendizagem, sendo ouvido e valorizado.

Dessa forma fazemos o fechamento desse estudo monográfico comprovando o grande interesse que os estudantes nutrem pela literatura de massa, os famosos best-sellers, e que, a sua inserção na vida dos alunos constroem uma ponte sólida entre a leitura e o educando, ou seja, atuando como uma importante ferramenta entre na aproximação desses dois sujeitos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. Novas buscas em educação, v. 13. São Paulo: Summus, 1983. 164p.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1993. 174p. (Série: Pensamentos e Ações no Magistério).

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CAGLIARI, Carlos Luiz. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2004.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2006. 171p.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. 6. ed São Paulo: Ática, 1997. 234p.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. 5ª Edição Barueri, São Paulo: Monole, 2010. 288p.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins fontes, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. 102 p.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2008. 109p.

_____. **O Que é Literatura.** São Paulo, Ed. Brasiliense, 1995.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** 2 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2010. 391p.

SILVA, Maria Oneide Lino da, et. al. **Etnografia e Pesquisa Qualitativa:** Apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação. Disponível em: <
http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_15.pdf>.
Acesso em: 14 abr. 2015.

ZILBERMAN Regina; LAJOLO Marisa. **A formação da leitura no. Brasil:** histórias e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007. 179 p.